

Trabalho Alienado ou Trabalho Autônomo?*

Angélica Peixoto

Hoje se faz relevante compreendermos a sutileza com que nos são impostas as ideias exigidas pela sociabilidade burguesa. Esta compreensão é que nos alimentará na luta contra o capital. É nos vedado respirar aliviados, pois os nossos autênticos sentimentos e desejos são reprimidos pelo caráter autoritário do sistema que nos subjuga. Isto também ocorre com a ideia de trabalho, sendo que existem duas concepções de trabalho: uma que é a ideia dominante, expressa pelos ideólogos da classe dominante e que se solidifica na população; E outra que surge como expressão da classe operária e é representada pelo marxismo. Esta última concepção que surgiu com Marx e foi deformada por alguns de seus seguidores e mantida por outros, acabou influenciando a psicanálise, assim como a ideia dominante de trabalho. Esta ideia deformada de trabalho também penetrou no marxismo e coube a Pannekoek, entre outras raras exceções, retomar o seu significado autêntico. A psicanálise se viu, de início, com Freud, presa a concepção dominante de trabalho e foi o freudo-marxismo, em especial Erich Fromm, que recuperou o verdadeiro sentido da palavra. Então para compreendermos isto se faz relevante entendermos o trabalho submetido ao capitalismo.

O modo de produção capitalista se reproduz numa tal ferocidade que torna difícil para o proletariado escapar-lhe com facilidade. Ora, é preciso uma efetiva organização que dê marcha ao processo revolucionário, há uma urgente necessidade de supressão do Estado. É superando o capitalismo que o proletariado gozará daquilo que lhe pertence de direito: o controle direto da produção, produção esta voltada para a satisfação das necessidades humanas.

* Texto publicado originalmente na Revista Ruptura, num. 03, dez/1994.

O proletariado só ganha forças para superar o capitalismo organizando-se dentro de seus próprios locais de trabalho. Há nestas organizações do proletariado, um espírito de unidade e forte solidariedade. As diferenças são superadas e logo os conselhos operários ganham forma e consistência, o sentimento de solidariedade proporciona um impulso para a superação da alienação e organiza a luta dos operários contra o capital, possibilitando um embate consistente e determinado.

O capital, ao escravizar o homem e afirmar sua autoridade soberana, impôs a este o trabalho alienado. O que antes era feito por gozo e atendendo apenas às necessidades autênticas, tomou-se um ultraje universal.

Freud foi negligente em sua análise quando afirmou que “os homens não são espontaneamente amantes do trabalho”. Ora, os homens de fato não são amantes do trabalho alienado. Freud, como defensor da civilização, afirma que para esta ser eficaz toma-se necessário exercer autoridade e coerção sobre as massas humanas, pois estas não são capazes de controlar seus desejos instintuais”. É devido ao caráter repressivo da civilização que os homens precisam domesticar o que lhes é inerente: a sua essência. Para Freud, a essência humana se constitui pelos instintos, tanto os sexuais quanto os de agressividade. Discordamos de Freud quando à sua posição, pois não há oposição da natureza humana (essência), em relação ao trabalho, visto que o trabalho autônomo – que se opõe ao trabalho alienado – faz parte da essência humana. É, então, no caráter repressivo da civilização que o trabalho assume um caráter alienante. Revertendo a lógica de Freud fica fácil percebermos que o trabalho não alienado é a afirmação desta essência. Freud tomou como modelo o trabalho alienado imposto pela sociedade capitalista, generalizando-o, esquecendo-se de contextualizá-lo. Não houve em sua análise uma preocupação com a especificidade histórica, e, devido a isto, seu estudo sobre a natureza do trabalho ficou limitado. Em momento algum, Freud atenta para outras formas de sociedade. Ele não analisa outra sociedade, senão, a capitalista. Esqueceu-se de considerar que os homens em épocas e lugares diferentes à dele, organizam-se diferentemente.

Pannekoek, que retoma a concepção de Marx, ofuscada pela ideologia dominante, como também pela psicanálise freudiana, tanto quanto pelos ditos “marxistas” (social-democratas e bolchevistas), consegue diferenciar o trabalho alienado do trabalho voltado

para a realização autêntica dos seres humanos. Ele vê no caráter autoritário da sociedade capitalista o grande coibidor do trabalho autêntico. Anton Pannekoek, afirma:

O trabalho, em si mesmo, não é repugnante. É uma necessidade imposta ao homem pela natureza, para obter a satisfação das suas necessidades. O homem, como todos os outros seres vivos, tem de utilizar as suas forças para obter alimento. A natureza dotou todos os seres de órgãos corporais e de faculdades mentais, músculos, nervos e um cérebro, para se poderem adaptar a esta necessidade. As necessidades e os meios de as satisfazer estão, nos seres vivos, harmoniosamente adaptados uns aos outros, pelo menos no decurso normal da sua vida. O trabalho, ou seja, esta utilização normal dos membros e das capacidades mentais, é um impulso normal tanto do homem como do animal. Sem dúvida que há um componente de obrigação na necessidades de procurar alimentos e um abrigo. A utilização livre e espontânea dos músculos e dos nervos, ao sabor dos caprichos do trabalho e do recreio, situa-se na própria essência da natureza humana. O constrangimento imposto ao homem pela satisfação das suas necessidades obriga-o a um trabalho regular, ao recalçamento do impulso do momento, à utilização das suas forças, a um controle poderoso e assíduo. Mas deste autodomínio por necessário que seja para sua própria preservação, para a da família e da comunidade, o homem extrai a satisfação de ver vencidos os obstáculos existentes em si mesmo ou no mundo que o cerca, e adquire o sentimento orgulhoso de ser capaz de atingir os fins que se propôs. O hábito do trabalho regular fixou-se assim pelo seu caráter social, pelos usos e costumes da família, da tribo ou da aldeia, transformou-se numa segunda natureza, num modo de vida natural, numa unidade harmoniosa de forças e de necessidades de tendências naturais e de deveres¹.

Vimos, assim, que Pannekoek analisa o trabalho humano em sua especificidade e, não podemos deixar de considerar sua enorme contribuição quando afirma que o trabalho autêntico só é contrariado por relações humanas onde imperem outros valores que não os valores humanos, ou seja, o caráter repressivo do trabalho é imposto pelo modo de produção capitalista.

Mantendo uma coerência semelhante, Erich Fromm também vê no trabalho alienado uma condição para o recalçamento das potencialidades humanas. Fromm, retomando Marx, contribuiu muito com suas análises para a criação de uma psicanálise histórica e concreta. Ao contrário da psicanálise freudiana, Fromm alarga suas análises, percebendo que cada época e lugar possui sua especificidade e dentro de certos contextos os homens são compelidos a agirem contrariamente à sua natureza. É o que Erich Fromm coloca oportunamente:

¹ PANNEKOEK, Anton. *As Tarefas dos Conselhos Operários*. Coimbra: Centelha, 1976.

O trabalho é a expressão própria do homem, uma expressão de suas faculdades físicas e mentais. Nesse processo de atividade genuína, o homem desenvolve-se a si mesmo, toma-se ele próprio, o trabalho não é só um meio para um fim - o produto - mas um fim em si mesmo, a expressão-significativa da energia humana, por isso pode-se gostar do trabalho².

Erich Fromm, assim o como Pannekoek, percebeu o que já tinha sido observado por Karl Marx: o trabalho alienado circunscreve o homem a uma restrita relação consigo mesmo, ou seja, o que deveria de fato proporcionar gozo, acaba sendo vivenciado passivamente e passa a ser escravizante, impedindo o homem de experimentar-se consigo mesmo. O trabalho alienado nada mais é do que a negação das potencialidades do homem, pois impõe a este a mais ultrajante coerção: a sujeição. O homem só poderá ter uma relação autêntica com seus semelhantes e consigo mesmo, quando não se sujeitar a nenhum controle ditado externamente, quando, nas palavras de Marx girar em torno de si mesmo, ou seja, girar em torno de seu próprio sol.

Concluindo, existem duas concepções de trabalho que se confrontam e perpassam tanto o marxismo quanto a psicanálise. O significado autêntico do trabalho foi recuperado por Pannekoek no marxismo e por Erich Fromm na psicanálise. Devemos pois, superar a ideia dominante de trabalho que confunde trabalho alienado com trabalho em geral e retomar a distinção entre trabalho autônomo e trabalho alienado. Enfim, a partir do que foi colocado vimos que o trabalho pode assumir uma forma alienada ou autônoma e que se torna uma necessidade abolir a primeira e generalizar a segunda.

² FROMM, Erich. *Conceito Marxista do Homem*. 8ª edição, Rio de Janeiro: Zahar, 1983, p. 48.